



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

RESOLUÇÃO Nº 02 CONSEPE, DE 06 DE MARÇO DE 2026

Aprova Retificação do Projeto Pedagógico (2017) do Curso de Graduação em **Química Licenciatura EaD – Da Diretoria de Educação Aberta e a Distância (DEAD)** da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, aprovado pela Resolução nº 2 -CONSEPE, de 24 de janeiro de 2017, alterado por meio da resolução nº15-Consepe, de 27 de julho de 2021.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista o que deliberou em sua 233ª reunião, sendo a 168ª sessão em caráter ordinário, realizada em 5 de março de 2026.

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar a alteração - retificação do Projeto Pedagógico (2017) do Curso de Graduação em **Química Licenciatura EaD– Da Diretoria de Educação Aberta e a Distância (DEAD)**.

Art. 2º A Nota de Alteração do Projeto Pedagógico do Curso encontra-se anexa a esta resolução.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação pelo CONSEPE.

Flaviana Tavares Vieira
Vice-Presidente do CONSEPE



Documento assinado eletronicamente por **Flaviana Tavares Vieira, Vice-Reitora**, em 06/03/2026, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufvjm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2043728** e o código CRC **C8231A97**.

ANEXO I

NOTA DE RETIFICAÇÃO DE PPC - ALTERAÇÃO TEXTUAL

As alterações serão acrescentadas ao Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Química Licenciatura, aprovado pela Resolução nº 2 CONSEPE, de 24/01/2017, alterada por meio da resolução nº 15 CONSEPE, de 27/07/2021, conforme Anexos.

**Projeto
pedagógico
de curso -
Química
Licenciatura
EaD**

Proposta de alteração

Acrescenta-se:

10.6 - Atividades de extensão

A universidade pública constitui um espaço essencial de produção, socialização e democratização do conhecimento, sustentando-se em três dimensões indissociáveis: ensino, pesquisa e extensão. A Extensão Universitária representa a ação da universidade junto à sociedade, promovendo o diálogo entre o saber acadêmico e os saberes populares, por meio do compartilhamento dos conhecimentos produzidos e da interação contínua com as demandas da comunidade. Essa articulação possibilita que o conhecimento científico gerado pelo ensino e pela pesquisa seja aplicado de forma transformadora, contribuindo para a melhoria das condições sociais, econômicas, culturais e ambientais.

A Extensão Universitária configura-se, assim, como uma das funções sociais fundamentais da universidade, orientada para o desenvolvimento humano e social, a valorização da diversidade cultural, a promoção dos direitos humanos e a sustentabilidade ambiental e social. Suas ações buscam integrar teoria e prática, universidade e sociedade, ensino e cidadania, estimulando o pensamento crítico e o compromisso ético com a transformação social.

A intervenção social promovida pela instituição parte do princípio, segundo a Política de Extensão da UFVJM, de que a extensão universitária deve

desenvolver relações entre a universidade e outros setores da sociedade marcada pelo diálogo e pela interação com a comunidade, privilegiando metodologias que busquem a participação de todos os agentes envolvidos e a troca de saberes, superando o discurso da hegemonia acadêmica. Escutar, compreender, discutir, buscar inovações, criar novos conhecimentos são possibilidades e oportunidades para todos que participam do processo, sem visões hierárquicas de conhecimentos, mas compreendo-o como diferentes e, ou, distintos. A extensão possibilita a produção de conhecimento resultado do confronto com a realidade e a participação comunitária, ocorrendo troca entre o saber sistematizado e acadêmico e o saber popular.” (Política de Extensão da UFVJM, 2009, p. 5).

No campo da Química, ciência essencialmente investigativa, sua presença nos ambientes escolares contribui para despertar o interesse científico e promover a compreensão crítica dos fenômenos naturais e tecnológicos que permeiam a sociedade. Desenvolver ações de extensão nessa área é um dos objetivos centrais da curricularização da extensão, pois permite articular a Química ao cotidiano, estimulando em todos os envolvidos a capacidade de investigação científica, elemento fundamental para a autonomia intelectual e a participação cidadã.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão manifesta-se, portanto, de forma concreta: o ensino desenvolvido no curso impacta diretamente a prática docente dos licenciandos; a pesquisa favorece o desenvolvimento do espírito investigativo e a interpretação crítica dos fenômenos do dia a dia; e a extensão amplia os horizontes da formação ao envolver a comunidade externa, muitas vezes distante dos espaços tradicionais de produção do conhecimento. Essa integração possibilita a criação de novas práticas pedagógicas voltadas à produção, socialização e aplicação do saber científico em diferentes contextos educacionais e sociais.

Item 10.6, pág.
35

Na UFVJM, a curricularização da extensão está regulamentada pela Resolução nº 02/2021 do CONSEPE/UFVJM, fundamentada na Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação (CNE), a qual operacionaliza o item 12.7 da Meta 12 da Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE). Esse dispositivo estabelece que as Instituições de Educação Superior devem assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária dos cursos de graduação em programas e projetos de extensão universitária, prioritariamente voltados para áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014).

Em conformidade com essas normativas, o Curso de Licenciatura em Química – modalidade a distância prevê a realização de 345 (trezentas e quarenta e cinco) horas de atividades de extensão universitária, distribuídas da seguinte forma:

- a) Horas de Extensão inseridas nas Unidades Curriculares: parcela da carga horária das unidades curriculares obrigatórias destinada às atividades de extensão — total de 240 horas;
- b) Horas de Extensão inseridas nas Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais (AACCs): parcela da carga horária das AACCs destinada a atividades de extensão — total de 105 horas.

As atividades de extensão previstas nas unidades curriculares e nas AACCs poderão integrar programas, projetos, ações ou eventos de extensão devidamente cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), em parceria com a Diretoria de Educação Aberta e a Distância (DEAD). Para fins de curricularização da extensão, somente serão validadas as participações em que o(a) discente atuar como membro efetivo da equipe executora da ação extensionista, observando-se os critérios e procedimentos definidos pela PROEXC/UFVJM.

A Tabela 2 resume a distribuição das ações de Extensão do Curso de Licenciatura em Química a Distância.

Tabela 2 - Distribuição da carga horária de extensão no curso de licenciatura em Química EaD/UFVJM

COMPONENTE CURRICULAR	DENOMINAÇÃO	HORAS	CRÉDITOS
Unidade Curricular	Instrumentação para o ensino de Química I	15	1
Unidade Curricular	Instrumentação para o ensino de Química II	15	1
Unidade Curricular	História da Química	15	1
Unidade Curricular	Química Ambiental	15	1
Unidade Curricular	TDICs no Ensino de Química	15	1
Unidade Curricular	Língua Brasileira de Sinais	15	1

Unidade Curricular	Projetos em Química	15	1
Unidade Curricular	Ciência, Tecnologia e Sociedade	15	1
Unidade Curricular	Estágio Supervisionado I	15	1
Unidade Curricular	Estágio Supervisionado II	45	3
Unidade Curricular	Estágio Supervisionado III	60	4
AACC	Atividades de Extensão cadastrados na PROEXC	105	7

Onde se lê:

10.6 - ESTRUTURA CURRICULAR

Na Tabela 2 é apresentada a estrutura curricular do curso de licenciatura em Química na modalidade a distância.

TABELA 2 – Matriz curricular do Curso de Licenciatura em Química – Modalidade a Distância

Disciplinas	Natureza	CHT ¹	PCC ²	ECS ³	CRÉDITOS
	Primeiro Período				
Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação	CC	60			04
TDICs Aplicadas a EaD	CC	60			04
Introdução ao Cálculo	CC	60			04
Prática de leitura e produção de Textos	CC	60			04
Química Geral I	CE	60			04
Química Geral experimental I	CE	20	10		02
TOTAL		320	10		22
Segundo Período					
Metodologia da Pesquisa	CC	60			04
Estrutura e Funcionamento do Ensino	CC	60			04
Cálculo Diferencial e Integral I	CC	60			04
Física I	CC	60			04
Geometria Analítica e Álgebra Linear	CC	60			04
Química Geral II	CE	60			04
Química Geral Experimental II	CE	20	10		02
TOTAL		380	10		26

Terceiro Período					
Psicologia da Educação	CP	60			04
Políticas e Gestão Educacional	CP	60			04
Cálculo Diferencial e Integral II	CC	60			04
Física II	CC	60			04
Física Experimental	CC	45	15		04
Fundamentos de Química Analítica	CE	60			04
Química Inorgânica	CE	60			04
Química Inorgânica Experimental	CE	20	10		02
TOTAL		425	25		30
Quarto Período					
Didática	CP	60			04
História da Educação no Brasil	CPE	60			04
Introdução ao Ensino de Ciências	CPE	45	15		04
Física III	CC	60			04
Instrumentação para o Ensino de Química I	CE		60		04
Físico-Química I	CE	60			04
Físico-Química Experimental I	CE	20	10		02
TOTAL		305	85		26
Quinto Período					
Planejamento, Currículo e Avaliação	CP	60			04
Físico-Química II	CE	60			04
Físico-Química Experimental II	CE	20	10		02
Análise Qualitativa e Quantitativa	CE	60			04
História da química	CE	30	30		04
Recursos Minerais	CE	45	15		04
TOTAL		275	55		22
Sexto Período					
Educação e Inclusão	CP	60			04
Educação, Cidadania e Direitos Humanos	CP	60			04

Instrumentação para o Ensino de Química II	CPE		60		04
Química Orgânica I	CE	60			04
Química Orgânica Experimental I	CE	20	10		02
Estágio Supervisionado I				90	06
TOTAL		200	70	90	24
Sétimo Período					
TCC I - Química	CC	30			02
Educação, Sociedade e Ambiente	CP	60			04
Libras	CC	45	15		04
Química Orgânica II	CE	60			04
Química Orgânica Experimental II	CE	20	10		02
Química Ambiental	CE	75			05
Estágio Supervisionado II				135	09
TOTAL		290	25	135	30
Oitavo Período					
TCC II - Química	CC	30			02
Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no Ensino de Química	CC		60		04
Projetos em Química	CPE		60		04
Bioquímica	CE	60			04
Ciência Tecnologia e Sociedade	CE	60			04
Estágio Supervisionado III				180	12
CH para disciplina eletiva	EL	60			04
TOTAL		210	120		34
2405400 405 214					

1 – Carga Horária Total; 2 – Prática como Componente Curricular; 3 – Estágio Curricular Supervisionado. CE – Conteúdo Específico; CC – Conteúdo Complementar; CPE (Conteúdo Pedagógico Específico); EL (Eletiva)

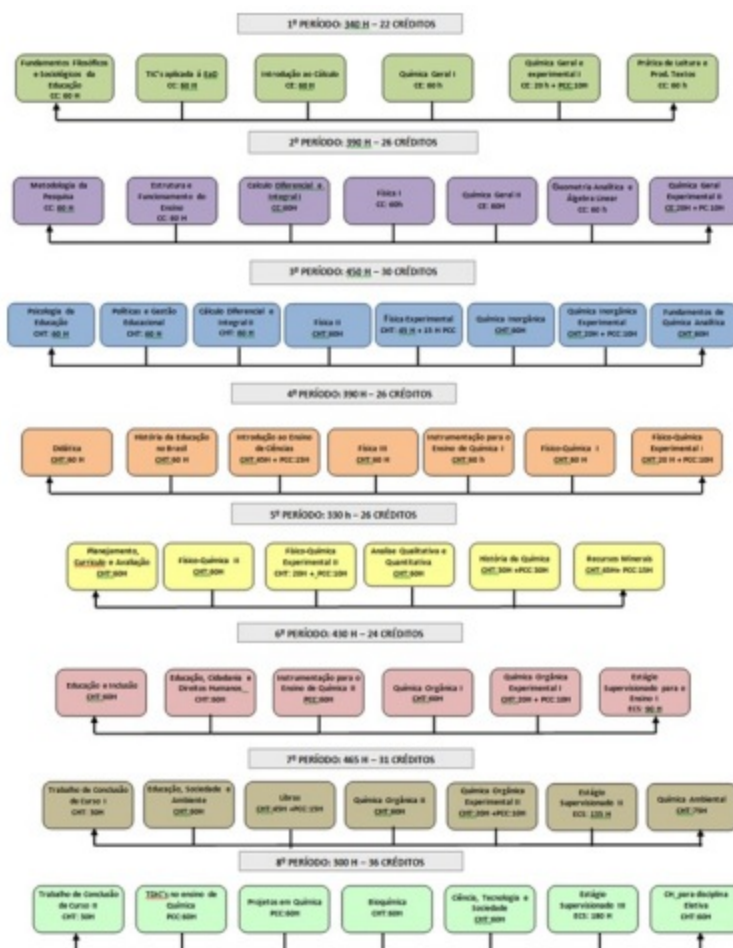
TABELA 3 – Distribuição da carga horária do Curso de Licenciatura em Química modalidade a Distância

COMPONENTES CURRICULARES	CHT	CRÉDITOS
Conteúdos curriculares de natureza científico-cultural (CE + CPE + CC)	2.405	160
Prática como componente curricular (CP)	400	27
Atividades Teórico-Práticas	200	13
Estágio Supervisionado	405	27
TOTAL	3.410	227

TABELA 4 – Disciplinas eletivas a serem ofertadas no 8º período do Curso de Química-licenciatura, modalidade a distância

Disciplinas	CHT (4 créditos)
Ensino por Investigação	60
Movimentos Sociais e Educação: Rede de ações e Letramento	60
Educação e Saúde	60
Educação de Jovens e Adultos	60
Probabilidade e Estatística	60
Fundamentos de Química Analítica Instrumental	60
Tópicos Especiais em Ensino	60
Tópicos Especiais em Ensino de Biologia	60
Tópicos Especiais em Ensino de Química I	60
Tópicos Especiais em Ensino de Química II	60

A representação gráfica de um possível perfil de formação é apresentado na **FIGURA 3**.



CHT: Carga Horária Total; PCC: Prática como Componente Curricular; ECS: Estágio Curricular Supervisionado. CE – Conteúdo Específico; CC – Conteúdo Complementar; CPE (Conteúdo Pedagógico Específico); EL (Eletiva)

FIGURA 3 – Representação gráfica de um perfil de formação para o licenciando em Química do Curso a distância.

Leia-se:

10. 7 - ESTRUTURA CURRICULAR ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

No Quadro 1 é apresentado a estrutura curricular do curso de licenciatura em Química na modalidade a distância. Já no Quadro 2 há uma síntese das cargas horárias necessárias para integralização curricular.

QUADRO 1 – Matriz curricular do Curso de Licenciatura em Química – Modalidade a Distância

Disciplinas	Natureza	CHT ¹	PCC ²	ECS ³	EXT ⁴	CRÉDITOS
Primeiro Período						
Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação	CC	60				04

Item 10.6, pág
38

TDICs Aplicadas a EaD	CC	60				04
Introdução ao Cálculo	CC	60				04
Prática de leitura e produção de Textos	CC	60				04
Química Geral I	CE	60				04
Química Geral experimental I	CE	20	10			02
TOTAL		320	10			22
Segundo Período						
Metodologia da Pesquisa	CC	60				04
Estrutura e Funcionamento do Ensino	CC	60				04
Cálculo Diferencial e Integral I	CC	60				04
Física I	CC	60				04
Geometria Analítica e Álgebra Linear	CC	60				04
Química Geral II	CE	60				04
Química Geral Experimental II	CE	20	10			02
TOTAL		380	10			26
Terceiro Período						
Psicologia da Educação	CP	60				04
Políticas e Gestão Educacional	CP	60				04
Cálculo Diferencial e Integral II	CC	60				04
Física II	CC	60				04
Física Experimental	CC	45	15			04
Fundamentos de Química Analítica	CE	60				04
Química Inorgânica	CE	60				04

Química Inorgânica Experimental	CE	20	10			02
TOTAL		425	25			30
Quarto Período						
Didática	CP	60				04
História da Educação no Brasil	CPE	60				04
Introdução ao Ensino de Ciências	CPE	45	15			04
Física III	CC	60				04

Instrumentação para o Ensino de Química I	CE		60		15	04
Físico-Química I	CE	60				04
Físico-Química Experimental I	CE	20	10			02
TOTAL		305	85			26
Quinto Período						
Planejamento, Currículo e Avaliação	CP	60				04
Físico-Química II	CE	60				04
Físico-Química Experimental II	CE	20	10			02
Análise Qualitativa e Quantitativa	CE	60				04
História da química	CE	30	30		15	04
Recursos Minerais	CE	45	15			04
TOTAL		275	55			22
Sexto Período						
Educação e Inclusão	CP	60				04
Educação, Cidadania e Direitos Humanos	CP	60				04

Instrumentação para o Ensino de Química II	CPE		60		15	04
Química Orgânica I	CE	60				04
Química Orgânica Experimental I	CE	20	10			02
Estágio Supervisionado I				90	15	06
TOTAL		200	70	90		24
Sétimo Período						
TCC I - Química	CC	30				02
Educação, Sociedade e Ambiente	CP	60				04
Língua Brasileira de Sinais	CC	45	15		15	04
Química Orgânica II	CE	60				04
Química Orgânica Experimental II	CE	20	10			02
Química Ambiental	CE	75			15	05
Estágio Supervisionado II				135	45	09
TOTAL		290	25	135		30
Oitavo Período						
TCC II - Química	CC	30				02
Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no Ensino de Química	CC		60		15	04
Projetos em Química	CPE		60		15	04
Bioquímica	CE	60				04
Ciência, Tecnologia e Sociedade	CE	60			15	04
Estágio Supervisionado III				180	60	12
CH para disciplina eletiva	EL	60				04
TOTAL		210	120			34
		2405	400	405	240	154

1 – Carga Horária Total; 2 – Prática como Componente Curricular; 3 – Estágio Curricular Supervisionado; 4-Carga horária de extensão CE – Conteúdo Específico; CC – Conteúdo Complementar; CPE (Conteúdo Pedagógico Específico); EL (Eletiva)

QUADRO 2 – Distribuição da carga horária do Curso de Licenciatura em Química modalidade a Distância

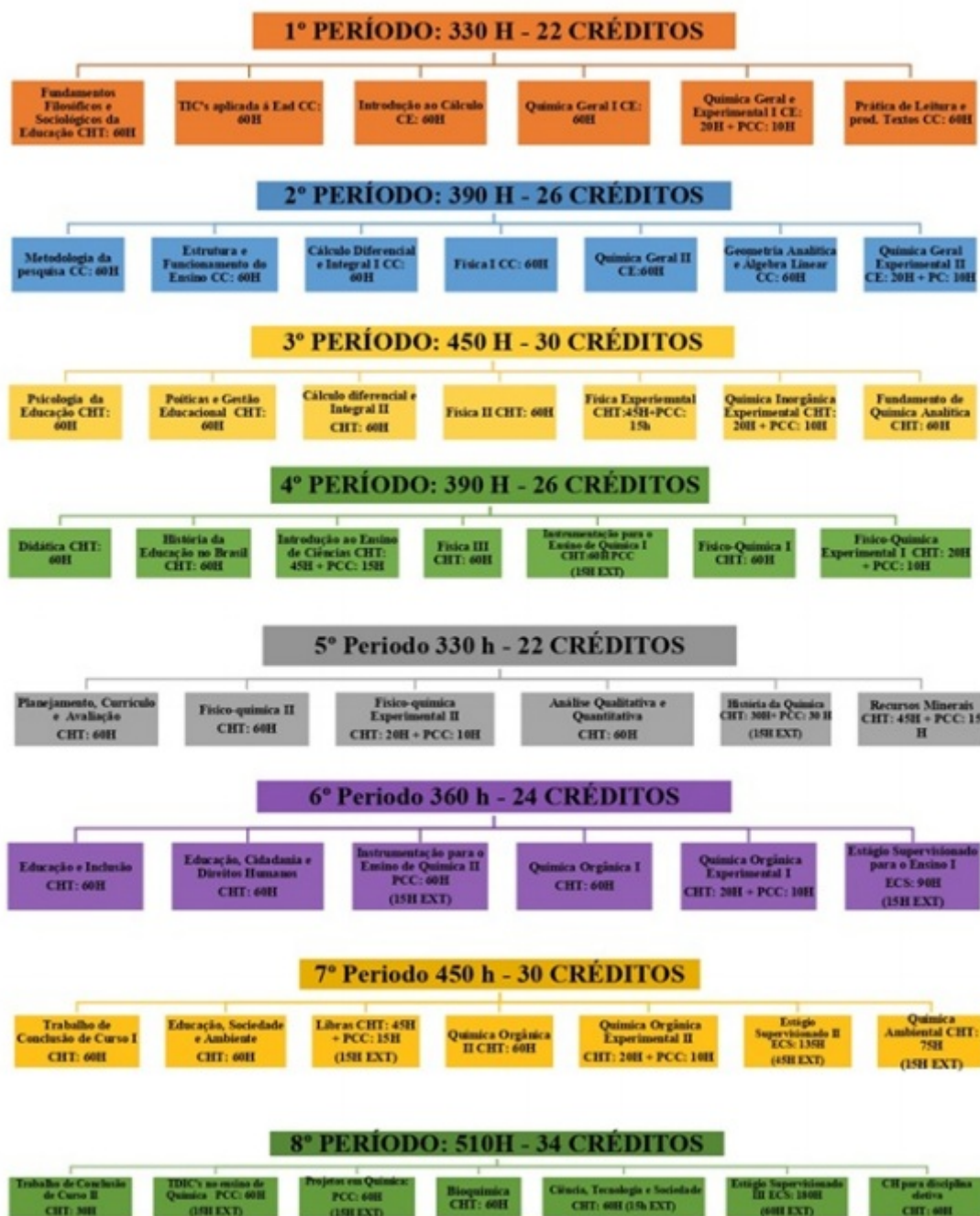
COMPONENTES CURRICULARES	CHT	CRÉDITOS
Conteúdos curriculares de natureza científico-cultural (CE + CPE + CC)	2.405	154
Prática como componente curricular (PCC)	400	28
Atividades Teórico-Práticas (Atividades complementares ou Acadêmico Científico Culturais/Ac/AACC)	200	13
Estágio Curricular Supervisionado	405	27
TOTAL	3.410	222
Tempo de Integralização	Mínimo: 4 anos	
	Máximo: 6 anos	
AÇÕES EXTENSIONISTAS	CHT	CRÉDITOS
Atividades Extensionistas em Unidades Curriculares e Estágios	240	16
Atividades Extensionistas em AACCs	105	7
TOTAL	345	23

* As 240 horas das “Atividades de Extensão na Matriz” diz respeito àquelas presentes nas unidades curriculares: Instrumentação para o Ensino de Química I (EADQUI014-15h), Instrumentação para o Ensino de Química II (EADQUI058-15h), Química Ambiental (EADQUI061-15h), História da Química (EADQUI057-15h), TDICs no Ensino de Química (EADQUI068-15h), Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (EADMAT075-15h), Projetos em Química (EADQUI067-15h), Estágio Supervisionado I (EADQUI023-15h), Estágio Supervisionado II (EADQUI028-45h), Estágio Supervisionado III (EADQUI033-60h) e Ciência, Tecnologia e Sociedade (EADQUI066-15h). Além dessas, são distribuídas mais 105 horas de ações de extensão em AACCs, que totalizam 345 horas de Extensão (240 + 105), 10% das 3.410 horas do curso, conforme item 11.6 - Curricularização da extensão, do PPC.

TABELA 1 – Disciplinas eletivas a serem ofertadas no 8º período do Curso de Química-licenciatura, modalidade a distância

Disciplinas	CHT (4 créditos)
Ensino por Investigação	60
Movimentos Sociais e Educação: Rede de ações e Letramento	60
Educação e Saúde	60
Educação de Jovens e Adultos	60
Probabilidade e Estatística	60
Fundamentos de Química Analítica Instrumental	60
Tópicos Especiais em Ensino	60
Tópicos Especiais em Ensino de Biologia	60
Tópicos Especiais em Ensino de Química I	60
Tópicos Especiais em Ensino de Química II	60

A representação gráfica de um possível perfil de formação é apresentado na **Figura 1**.



CHT: Carga Horária Total; PCC: Prática como Componente Curricular; ECS: Estágio Curricular Supervisionado. EXT: Atividades Extensionistas; CE – Conteúdo Específico; CC – Conteúdo Complementar; CPE (Conteúdo Pedagógico Específico); EL (Eletiva)

FIGURA 1 – Representação gráfica de um perfil de formação para o licenciando em Química do Curso a distância.
Retira-se:

RESOLUÇÃO Nº. 05 - CONSEPE, DE 23 DE ABRIL DE 2010.

Estabelece a equivalência em horas das Atividades Complementares-AC e das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais-AACC, conforme previsto no Regulamento dos Cursos de Graduação da UFVJM.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, no uso de suas atribuições estatutárias, tendo em vista o que deliberou em sua 31ª Reunião em 23/04/2010;

RESOLVE:

Art. 1º As Atividades Complementares-AC e as Atividades Acadêmico- Científico-Culturais-AACC estão previstas como atividades obrigatórias, nas Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação e nos Projetos Pedagógicos dos Cursos.

Art. 2º Para atividades de Iniciação Científica, Iniciação a Docência/Monitoria, Participação em Projeto de Extensão, Estágio Não Obrigatório, Bolsa Atividade, Programa de Educação Tutorial-PET, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, Programa de Consolidação das Licenciaturas-PRODOCÊNCIA e demais Projetos Institucionais, cada 4 horas de atividade, com bolsa, corresponderão a 1 hora de AC ou AACC.

§ 1º No caso de estudantes envolvidos nas atividades enumeradas no *caput* do artigo que não percebem bolsa, a equivalência de horas, será definida pelo Colegiado do Curso.

§ 2º Os critérios de avaliação das atividades dos estudantes sem bolsa serão os mesmos daqueles atendidos com bolsa.

Art. 3º Para atividades Desportivas e Culturais, cada 12 horas de participação corresponderão a 1 hora de AC ou AACC.

§ 1º Entende-se por atividades desportivas as atividades físicas como dança, ginástica, lutas e esportes realizados sob orientação profissional e desenvolvidos em escolas, clubes, academias ou espaços culturais.

§ 2º Entende-se por atividades culturais, participação em recitais, espetáculos (teatro, coral, dança, ópera, circo, mostras de cinema), festivais, mostras ou outros formatos de eventos culturais (relacionados ao folclore, artesanato, artes plásticas, artes gráficas, fotografias e patrimônio).

§ 3º As atividades relacionadas nos §1º e §2º deverão ser oficializadas em documento emitido pelo órgão/entidade promotora do evento, com detalhamento da atividade, incluindo carga horária.

Art. 4º A participação em Eventos oficiais de natureza acadêmico-científico-tecnológicas, cada 4 horas, com apresentação de trabalho, corresponderão a 2 horas de ACC ou AACC e 8 horas, em apresentação de trabalho, corresponderão a 2 horas de AC ou AACC.

Art 5º A participação em eventos sem a declaração de carga horária no certificado do evento, será considerada para cada dia de participação, 1 hora de AC ou AACC.

Art. 6º Para a participação em Órgãos Colegiados da UFVJM, cada ciclo de participação corresponderá a 15 horas de AC ou AACC.

Art. 7º A participação em comissões, designada por portaria, corresponderá a 5 horas de AC ou AACC.

Anexos, pág.
122

Art. 8º Para a participação em entidades de representação estudantil, cada ciclo de gestão corresponderá a 20 horas de AC ou AACC.

Art. 9º Outras atividades consideradas relevantes para a formação do discente poderão ser autorizadas pelos Colegiados de Curso, para integralização curricular, sendo as horas correspondentes definidas pelo Colegiado do Curso.

Art. 10 O Colegiado de Curso estabelecerá o limite máximo de horas que o discente deve cumprir em cada atividade descrita nesta resolução, dando ampla divulgação aos discentes matriculados.

Art. 11 Caberá ao estudante requerer, ao colegiado do respectivo curso, em formulário próprio, o registro das atividades para integralização como AC e, ou AACC, obedecendo ao estabelecido no Projeto Pedagógico de Curso.

Art. 12 Para integralização das AC ou AACC as atividades deverão ser comprovadas por meio de declarações ou certificados.

Art. 13 Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

Diamantina, 23 de abril de 2010.

Prof. Pedro Angelo Almeida Abreu
Presidente do CONSEPE/UFVJM

Acréscita-se

Anexo 2 - Quadro Descrição da Natureza de Extensão

Aprovado na 79ª Reunião Extraordinária do Conselho de Extensão e Cultura – COEXC:

DESCRIÇÃO DA NATUREZA DE EXTENSÃO	
ASPECTO 1	MODALIDADE DA AÇÃO
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Indicar qual(ais) opção(ões) - Projeto, Programa, Curso, Evento e Prestação de Serviço. (Cf. Art. 3º. da Res. CONSEPE n.2/2021).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	(X) Programa (X) Projeto (X) Curso / Oficina (X) Evento (X) Prestação de Serviço
ASPECTO 2	VÍNCULO DA AÇÃO
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Indicar qual(ais) opção(ões) - Projeto, Programa, Curso, Evento e Prestação de Serviço. (Cf. Art. 3º. da Res. CONSEPE n.2/2021).

DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	(X) Institucional/UFVJM; (X) Governamental; (X) Não-Governamental
ASPECTO 3	TIPO DE OPERACIONALIZAÇÃO
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Indicar o(s) Tipo(s) da operacionalização da ação: 1. Unidade Curricular; 2- Atividade Complementar; 3- Prática como componente curricular; 4- Estágio. (Cf. Art. 6o. da Res. CONSEPE n.2/2021).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	(X) Unidade Curricular; (X) Atividade Complementar; (X) Prática como componente curricular; (X) Estágio
ASPECTO 4	CÓDIGO(S) E NOME(S) DA(S) UCS DO PPC VINCULADAS À AÇÃO DE EXTENSÃO
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar o(s) Código(s) e nome(s) da(s) UCS do PPC vinculadas à ação de extensão (Cf. §1o. Art.6º - Res. CONSEPE n.2/2021).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	As unidades curriculares em que haverá curricularização da extensão no curso de licenciatura e a respectiva carga horária para essa curricularização são: Instrumentação para o Ensino de Química I (EADQUI014-15h), Instrumentação para o Ensino de Química II (EADQUI058-15h), Química Ambiental (EADQUI061-15h), História da Química (EADQUI057-15h), TDICs no Ensino de Química (EADQUI068-15h), Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (EADMAT075-15h), Projetos em Química (EADQUI067-15h), Estágio Supervisionado I (EADQUI023-15h), Estágio Supervisionado II (EADQUI028-45h), Estágio Supervisionado III (EADQUI033-60h) Ciência, Tecnologia e Sociedade (EADQUI066-15h) Além dessa carga horária distribuída nas unidades curriculares acima, os estudantes deverão desenvolver 105 (cento e cinco) horas em Atividades Complementares (ACs) e das Atividades Acadêmicas, Científicas Culturais (AACCs).
ASPECTO 5	COMPONENTES CURRICULARES DAS UCS COM BASE NA DCN DO CURSO VINCULADAS À AÇÃO DE EXTENSÃO.
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Art. 14 Os Projetos Políticos Pedagógicos (PPCs) dos cursos de graduação devem ressaltar o valor das atividades de extensão, caracterizando-as adequadamente quanto à participação dos estudantes, permitindo-lhes, dessa forma, a obtenção de créditos curriculares ou carga horária equivalente após a devida avaliação. (Cf. Art.14 - Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	A interlocução entre a universidade e a comunidade é capitaneada pelas atividades extensionistas, também conhecida como Extensão Universitária, sendo capaz de constituir uma ponte permanente entre universidade e sociedade. O próprio nome “Extensão” já nos diz muito sobre sua concepção, sugerindo um prolongamento das atividades acadêmicas das universidades para além dos seus muros. Dessa forma, as atividades extensionistas podem ser compreendidas como um processo que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza uma relação transformadora entre Universidade e Sociedade. Em cumprimento às normas legais, o curso de Licenciatura em Química à

	Distância da UFVJM prevê 345 (Trezentos e quarenta e cinco) ou 10% da carga horária de integralização do curso em atividades extensionistas distribuídas em 105 horas de AACCS e em carga horária nos seguintes componentes curriculares: Instrumentação para o Ensino de Química I (EADQUI014-15h), Instrumentação para o Ensino de Química II (EADQUI058-15h), Química Ambiental (EADQUI061-15h), História da Química (EADQUI057-15h), TDICs no Ensino de Química (EADQUI068-15h), Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (EADMAT075-15h), Projetos em Química (EADQUI067-15h), Estágio Supervisionado I (EADQUI023-15h), Estágio Supervisionado II (EADQUI028-45h), Estágio Supervisionado III (EADQUI033-60h) Ciência, Tecnologia e Sociedade (EADQUI066-15h) Em alinhamento com as Diretrizes Curriculares Nacionais e o processo de curricularização da Extensão Universitária, o curso de Química assegura que as atividades de extensão desenvolvidas no âmbito das Unidades Curriculares (UCs) serão integradas de forma indissociável ao ensino e à pesquisa. Para garantir a formalização e o reconhecimento institucional dessas iniciativas, o curso se compromete a realizar o registro obrigatório de todas as atividades de extensão executadas nas UCs junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC). Este registro se dará mediante a utilização dos formatos institucionais vigentes, que incluem as modalidades de Programa, Projeto, Curso/Oficina, Evento e/ou Prestação de Serviço. Tal procedimento visa não apenas atender às normativas, mas, sobretudo, certificar e dar visibilidade à contribuição efetiva do curso para a sociedade e para o desenvolvimento regional, integrando o conhecimento técnico-científico da Química com as demandas sociais. Destaca-se que para cada Unidade Curricular (UC) descrita no Aspecto 4, a carga horária destinada às ações de extensão será devidamente discriminada no plano da UC, considerando as especificidades das atividades propostas. As ações serão estruturadas de modo que os estudantes participem de forma ativa em todas as etapas, desde o planejamento até a execução e avaliação das atividades extensionistas. Os discentes atuarão como executores diretos das ações de extensão registradas na PROEXC, desenvolvendo tarefas compatíveis com os objetivos formativos da UC, tais como produção de materiais educativos, realização de oficinas e intervenções em escolas ou comunidades, participação em eventos, elaboração de relatórios e outras atividades previstas no projeto. Essa participação será obrigatória, integrada ao processo de ensino-aprendizagem e contabilizada na carga horária prática da UC, garantindo que todos os estudantes vivenciem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
ASPECTO 6	OBJETIVOS
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar os objetivos da ação de extensão vinculado a curricularização. Regulamento da PROEXC

DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	A Extensão Universitária vem assumindo, cada vez mais, uma natureza transformadora e de reciprocidade, onde as instituições de educação superior geram conhecimento a partir da sociedade e esta se beneficia das ações coordenadas pelas universidades. Nesse sentido as ações de extensão da UFVJM visam a articulação entre a instituição e setores da sociedade, especialmente nos Vales do Jequitinhonha e no Vale do Mucuri. Do ponto de vista dos discentes, as ações de extensão possibilitarão aos discentes do curso de Licenciatura em Química a prática do que aprenderam na universidade, favorecendo a consolidação do aprendizado e permitindo que os mesmos adquiram experiência para a atuação docente, por meio das tarefas prestadas à comunidade. Já do ponto de vista da comunidade, as ações extensionistas se caracterizam como uma alternativa que contribui para a transformação e melhoria das condições de vida e do exercício da cidadania, contribuindo com soluções para problemas desta comunidade e a promoção do seu desenvolvimento.
ASPECTO 7	METODOLOGIA
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar a estratégia e a metodologia a ser adotada na realização da ação de extensão vinculada a curricularização. Regulamento da PROEXC.

DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	As ações de extensão previstas nos componentes curriculares, para fins de curricularização, serão estruturadas com base nas possibilidades propiciadas pela natureza dos conteúdos previstos nas ementas desses componentes curriculares e pormenorizadas nos planos de ensino. O desenvolvimento das ações de extensão prevê a integração entre docentes, discentes, sociedade, podendo também integrar os técnicos-administrativos, a valorização dos aspectos da interdisciplinaridade e da interprofissionalidade, e o emprego de metodologias que impulsionem a democratização do conhecimento estimulando a participação, por conseguinte, das várias esferas da sociedade. As ações de extensão vinculadas aos componentes curriculares serão cadastradas, previamente, na PROEXC e ocorrerão dentro das modalidades: - Programas, - Projetos, - Cursos/Oficina, - Eventos - Prestação de Serviço As ações de extensão, e suas modalidades, poderão ser desenvolvidas nos espaços da Educação Básica, ou mesmo nos ambientes não formais de ensino, por meio de diversas estratégias tais como palestras, cursos presenciais, cursos <i>online</i>, seminários, oficinas, feiras de ciências, clubes de ciências, grupos de monitoria entre outros, assegurando a interação dialógica entre sociedade e a universidade. Essas ações desenvolvidas no curso deverão desenvolver nos discentes as habilidades e as competências no que diz respeito à extensão universitária, capacitando-os em termos de metodologia e processos. Presumindo que existe uma diversidade de ações e intervenções de natureza extensionista a serem exploradas pelo docentes nas respectivas unidades curriculares e que há grande mutabilidade de demandas pela própria comunidade, é fundamental que o detalhamento da metodologia a ser aplicada em cada ação de extensão seja discriminada no Plano de Ensino da unidade curricular e no registro da ação de extensão na Proexc. Como meio de avaliação das ações extensionistas, poderão ser exigidos relatórios discente, podendo ser empregadas avaliações do processo formativo, produção de materiais didáticos e pedagógicos referente ao ensino de Química e suas implicações sociais, ou mesmo publicação de artigos e resumos em congressos e seminários a respeito das ações empreendidas.
ASPECTO 8	INTERAÇÃO DIALÓGICA DA COMUNIDADE ACADÊMICA COM A SOCIEDADE
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar sobre a proposta da ação na interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social (Cf. I, Art. 5o. Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).

DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	Entende-se que apenas com o intercâmbio de saberes é que se pode construir uma universidade de qualidade, e é justamente por meio desse pensamento que a constituição federal, em seu artigo 207, concebeu a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. A consolidação da Extensão Universitária como um dos pilares da Universidade admite a importância das comunidades como um importante espaço de produção e acumulação de conhecimentos. As ações de extensão universitária têm, então, a prerrogativa de proporcionar a troca de saberes entre universidade e comunidade em via de mão dupla. Nesse sentido, as ações de extensão no curso de Licenciatura em Química a distância ocorrerão mediante a interação dialógica proporcionando benefícios recíprocos entre universidade e comunidade, uma vez que os participantes da comunidade contribuem na produção de conhecimento por meio de sua vivência profissional e cotidiana dentro da comunidade. O discente, por sua vez, terá a oportunidade de compartilhar os conhecimentos apreendidos na academia com a comunidade. Por meio dessa interação dialógica da universidade com a comunidade, permeando entre trocas de conhecimentos e experimentação de questões complexas do contexto social da região, o discente colabora ativamente para a produção do conhecimento e adquire competências fundamentais para a sua formação docente.
ASPECTO 9	INTERDISCIPLINARIDADE E INTERPROFISSIONALIDADE
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar sobre a proposta da ação de extensão da formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular. (Cf. II, Art. 5o. Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	Para uma ideal instrumentalização das ações extensionistas, estas deverão estar pautadas por um modelo de formação técnico-científico e orientadas para a edificação de um perfil profissional e humano. Nesse sentido, serão estimulados a promoção da interação de modelos, conceitos e metodologias provenientes das várias unidades curriculares e áreas do conhecimento constantes da Estrutura Curricular do curso.
ASPECTO 10	INDISSOCIABILIDADE ENSINO – PESQUISA – EXTENSÃO
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar sobre a proposta da ação de extensão e a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico. (Cf. IV, Art. 5o. Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).

DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	O detalhamento e discriminação das propostas e metodologias constantes nos planos de ensino, deverão garantir a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão das ações de extensão previstas em cada unidade curricular. Adicionalmente, a articulação Extensão-Ensino será sempre favorecida admitindo-se o cenário em que as ações de extensão ocorrem concomitantes às atividades de ensino, dando ao Licenciando em Química a oportunidade de aplicar os conhecimentos construídos ao longo dos semestres favorecendo, assim, a inserção dos discentes como protagonistas de sua formação técnica e cidadã. A indissociabilidade entre a extensão e a pesquisa também se dará pela estruturação nos planos de ensino, garantindo que metodologias e propostas valorizem o estudo e a aplicação de intervenção, por meio de práticas baseada em evidências, e da realização de análise de dados no processo de avaliação das ações propostas, além do incentivo a produção e publicação acadêmica a partir das ações extensionistas. Dessa forma, as ações extensionistas previstas estarão vinculadas ao processo de ensino e pesquisa, de modo a contribuir para a formação dos discentes e para a geração de conhecimentos, através de processo pedagógico interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico.
ASPECTO 11	IMPACTO NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE: CARACTERIZAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS GRADUANDOS NA AÇÃO PARA SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Descrever a contribuição da ação de extensão para o impacto na formação do discente, conforme estabelece a legislação vigente: “Art. 6º Estruturam a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior: 6. - a contribuição na formação integral do estudante, estimulando sua formação como cidadão crítico e responsável; 7. - o estabelecimento de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira e internacional, respeitando e promovendo a interculturalidade; 8. - a promoção de iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos e educação indígena; 9. - a promoção da reflexão ética quanto à dimensão social do ensino e da pesquisa; V - o incentivo à atuação da comunidade acadêmica e técnica na contribuição ao enfrentamento das questões da sociedade brasileira, inclusive por meio do desenvolvimento econômico, social e cultural; VI - o apoio em princípios éticos que expressem o compromisso social de cada estabelecimento superior de educação; VII - a atuação na produção e na construção de conhecimentos, atualizados e coerentes, voltados para o desenvolvimento social, equitativo, sustentável, com a realidade brasileira”. (Cf. I-VII, Art. 6o. Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).

DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	A articulação entre universidade e sociedade proporcionada pelas ações de extensão ampliam e enriquecem o processo formativo do licenciando em Química, favorecendo a sua formação em caráter integral e estimulando-os a se tornarem cidadãos críticos e responsáveis por meio do contato e a troca de experiências com a comunidade. As experiências vivenciadas pelos discentes nas ações extensionistas, na busca por soluções para os problemas reais da sociedade, favorecerão o aprendizado dos processos e dos métodos concernentes à extensão universitária. Os licenciandos em Química serão estimulados a serem co-autores de seu processo formativo, sob uma orientação humanística, generalista, interdisciplinar e fundamentada em conhecimentos sólidos de Química e visando a formação de profissionais reflexivos a cerca de sua prática pedagógica.
ASPECTO 12	IMPACTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar sobre a proposta da ação de extensão e produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais; (Cf. III, Art. 5o. Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	Admite-se que a construção de uma universidade de qualidade depende da troca de saberes entre universidade e comunidade em uma via de mão dupla, condição essa reconhecida na própria consolidação da Extensão Universitária como um dos pilares da Universidade. Portanto, reconhece-se que a Universidade também é transformada no momento em que executa ações de extensão ao favorecer a interlocução entre os diferentes agentes desse processo que são os discentes, docentes e técnico-administrativos e a comunidade, promovendo, então, a aprendizagem através das diversas ações de extensão. Dessa forma, o desenvolvimento e a operacionalização das ações extensionistas previstas no documento será catalisador tanto de mudanças institucionais quanto de mudanças sociais, por meio de uma relação dialógica, construtiva e transformadoras das realidades, respeitando e promovendo a interculturalidade. As ações de extensão propostas no documento objetivam a promoção de uma relação dialógica entre os núcleos de ensino-pesquisa, e incentivando os atores do processo a contribuírem ativamente nas questões da comunidade, gerando desenvolvimento social, cultural e econômico.
ASPECTO 13	DESCRIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO
SUPORTE LEGAL / ORIENTAÇÕES	Informar sobre o perfil e participação do público-alvo na ação de extensão e, principalmente, a interação com a comunidade externa. Pois são consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias. (Cf. Art. 7o. Resolução n. 7, CNE - 18, dez., 2018).
DESCRIÇÃO / OPÇÃO SELECIONADA	As ações de extensão terão como público-alvo a comunidade externa à UFVJM, visando a abranger a comunidade da UFVJM desde que as demandas estejam contempladas no contexto e escopo das variadas modalidades de ações extensionistas previstas pelo curso. As ações extensionistas terão como uma de suas metas, a atuação direta e ativa dos discentes em um trabalho dialógico com comunidade, contribuindo, assim, para a sua formação.

Acrescenta-se:

Anexo 3 - Regulamento das Atividades Complementares (ACs) e das Atividades Acadêmicas, Científicas Culturais (AACCs)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES (ACS) E DAS ATIVIDADES ACADÊMICAS, CIENTÍFICAS CULTURAIS (AACCs)

1. DEFINIÇÃO

As Atividades Complementares (ACs) e as Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais (AACCs) têm a finalidade de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, privilegiando a complementação da formação social e profissional do discente.

Até o término do curso, o discente deverá cumprir no mínimo 200 horas de, conforme institui a Resolução CNE/CP nº 02/2019, comprovados por meio de documentos os quais deverão ter o aceite da Coordenação do Curso. A integralização da referida carga horária nos PPCs das licenciaturas na modalidade a distância da UFVJM deve ser realizada por meio de ações de extensão contempladas no contexto e escopo das variadas modalidades de ações extensionistas previstas pelo curso. As ações extensionistas terão como uma de suas metas, a atuação direta e ativa dos discentes em um trabalho dialógico com comunidade, contribuindo, assim, para a sua formação.

2. NORMAS GERAIS

2.1 O discente que ingressar nos Cursos de licenciatura, modalidade a distância da UFVJM deverá, obrigatoriamente, integralizar a carga horária de atividades complementares, prevista nos respectivos PPCs.

2.2 As atividades complementares podem ser realizadas pelo discente desde o primeiro semestre de

matrícula no Curso.

2.3 A participação em AACCs e ACs deverá ter como diretriz a complementação de sua formação acadêmica e estar relacionadas ao perfil do egresso proposto pelo PPC; assim, as atividades que não apresentarem esse caráter poderão ser indeferidas pelo Coordenador do Curso e/ou pelo Colegiado dos Cursos.

Desta forma, o aluno deve:

2.3.1 Buscar informações junto à coordenação de curso sobre a pertinência da atividade, antes de realizá-la para fins de atividade complementar.

2.3.2 Qualquer atividade realizada sem a prévia orientação sobre sua pertinência será de responsabilidade única do aluno.

2.4 As atividades complementares podem ser realizadas a qualquer momento, inclusive durante as férias escolares, desde que respeitados os procedimentos estabelecidos neste Regulamento;

2.5 O controle acadêmico do cumprimento dos créditos referentes às atividades complementares é de responsabilidade do coordenador das AACCs e ACs e do coordenador de Curso, a quem cabe avaliar a documentação exigida para validação da atividade.

2.6 Caberá ao estudante, após o preenchimento das 200 horas, requerer à Coordenação do Curso, em Formulário Próprio (ANEXO), o registro das atividades para integralização como AACCs e ACs, e enviar no semestre subsequente no prazo estabelecido no calendário acadêmico. O estudante deverá enviar para o e-mail da coordenação de curso o formulário próprio e os comprovantes das atividades realizadas.

2.6.1 Para os discentes com previsão de conclusão do curso, a documentação comprobatória também será aceita até 30 (trinta) dias antes do término do semestre letivo de conclusão.

2.7 A coordenação ou Colegiado de Curso poderá recusar a atividade se considerar insatisfatória a documentação, se não estiverem relacionadas ao perfil do egresso previsto no PPC e/ou o desempenho do aluno;

2.8 Quando ocorrer eventual solicitação de comprovantes já analisados, deverá o aluno reapresentá-los ao coordenador de Curso.

2.9 As Atividades Complementares (AC) ou Atividades Acadêmico Científico Culturais (AACC) não são passíveis de aproveitamento, exceto nos casos de transferência interna para cursos de graduação com habilitação idêntica.

2.9.1 Os alunos que ingressarem por transferência interna para cursos de graduação com habilitação idêntica nos cursos a distância da UFVJM, ficam também sujeitos ao cumprimento das normas das AACCs e ACs, podendo solicitar à Coordenação de Curso o cômputo de parte da carga horária de acordo com a legislação vigente para aproveitamento de estudos.

2.9.2 As atividades complementares realizadas no curso de origem devem ser compatíveis com as estabelecidas neste Regulamento;

2.9.3 A carga horária atribuída pelo curso de origem não poderá ser superior à conferida por este Regulamento, à atividade idêntica ou congênere;

2.10 Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado Único dos Cursos de Licenciatura da DEAD, após o relato oficial do coordenador do Curso.

2.11 Recursos às decisões do Colegiado Único dos Cursos de Licenciatura da DEAD poderão ser encaminhados à avaliação do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UFVJM.

3. DAS ATIVIDADES

3.1 As atividades complementares, que podem ser reconhecidas para efeitos de aproveitamento da carga -

horária em AACCs ou ACs, a respectiva carga horária e a documentação comprobatória requerida são as compreendidas entre os Grupos 1 a 5, descritos na TABELA 1 a seguir.

3.2 Obrigatoriamente o discente deverá cumprir 105 horas de AACCs do Grupo 1, (exceto para o discente do curso de Licenciatura em Física que cumprirá 95 horas no mesmo Grupo) **e completar as horas restantes em dois outros grupos da tabela.** Entretanto, a carga horária atribuída a cada um desses grupos não poderá ultrapassar o percentual da carga horária total destinada à participação nas atividades que constam na tabela. Nos cursos de Licenciatura em Física, Matemática, Pedagogia e Química deverão ser realizadas 200 horas.

As atividades relacionadas nos Grupos 2 e 3 deverão ser oficializadas em documento emitido pelo órgão/entidade promotora da(o) atividade/evento, com detalhamento da atividade, incluindo a condição de participação, carga horária, período de realização e assinatura da entidade promotora.

3.2.1 Nos casos em que não houver carga horária, fica o colegiado de curso responsável por atribuição.

3.2.2 É de responsabilidade do discente a prestação de informações corretas e verídicas, podendo sofrer sanções previstas na legislação vigente da UFVJM, mesmo que constatado posteriormente.

3.3 Outras atividades consideradas relevantes para formação do estudante poderão ser autorizadas pelo Colegiado Único dos Cursos de Licenciatura da DEAD, para integralização curricular.

TABELA 1 – Atividades complementares reconhecidas para efeitos de aproveitamento da carga horária em AACCs e ACs com o respectivo limite de horas e a documentação comprobatória requerida

Grupo 1 – AÇÕES DE EXTENSÃO

No grupo 1 o aluno promove ações extensionistas em projetos, programas, cursos, oficinas ou eventos de extensão da UFVJM, estando devidamente **cadastrado como membro** nestas modalidades de ações promovidas pela DEAD ou mesmo pelas demais Unidades Acadêmicas da UFVJM.

Atividade	Carga Horária Máxima	Requisitos de comprovação
Organização (ou colaboração) em Eventos oficiais (abertos à comunidade externa) de natureza acadêmico-tecnológicas relacionados ao ensino* ou à educação ou na área da licenciatura em curso (congressos, simpósios, oficinas, seminários, conferências e palestras). Ministrante/tutor em/de cursos livres nas modalidades EaD ou presencial nas áreas ☐ de educação; ☐ específicas da licenciatura em curso; ☐ Interdisciplinares à licenciatura em curso; ☐ de informática e tecnologias da informação; ☐ de Línguas (Inglês, Espanhol, LIBRAS, etc	105 horas 105 horas	Certificado da PROEXC ou declaração emitido pelo coordenador da ação de extensão Certificado da PROEXC ou declaração emitido pelo coordenador da ação de extensão

1.3	Organização (ou colaboração) de Atividades Culturais, tais como em recitais, espetáculos (teatro, coral, dança, ópera, circo, mostras de cinema), festivais, mostras ou outros formatos de eventos culturais (relacionados ao folclore, artesanato, artes plásticas, artes gráficas, fotografias e patrimônio) e demais atividades que se configurem como ligadas à cultura.	105 horas	Certificado da PROEXC ou declaração emitido pelo coordenador da ação de extensão
1.4	Organização (ou colaboração) em atividades realizadas no Polo ou em escolas (oficinas, mostras, feira de ciências, clubes de ciências, monitorias, tutorias, festas, folclóricas/culturais)	105 horas	Certificado da PROEXC ou declaração emitido pelo coordenador da ação de extensão
1.5	Membro em Projeto de Extensão (bolsista ou voluntário) de variados temas e ações não contemplados nos itens anteriores.	105 horas	Certificado da PROEXC ou declaração emitido pelo coordenador da ação de extensão

Grupo 2 – ATIVIDADES DE EXTENSÃO, CULTURA, ESPORTE E PUBLICAÇÃO

No grupo 2 o aluno participa de ações de extensão (da UFVJM ou de outras instituições) na qual ele **NÃO seja organizador ou membro dos projetos, programas, cursos, oficinas, eventos ou prestação de serviços** das quais essas ações são oriundas. O aluno pode participar como, por exemplo, ouvinte, cursista, etc de uma ação extensionista. Outra possibilidade é o aluno estar cadastrado e ser membro em projetos que não sejam da UFVJM. Também pertencem a este grupo as atividades culturais, desportivas e as publicações na área de extensão.

2.1	Membro em Projeto de Extensão de outra instituição superior de ensino (Particular).	30 horas	Certificado ou declaração emitida pela instituição promotora do programa ou projeto de extensão, com detalhamento da carga horária.
2.2	Participante de qualquer programa, projeto ou evento de natureza extensionista na qual o aluno não seja membro/colaborador.	30 horas	Certificado de presença ou declaração emitida pela entidade promotora do evento, com detalhamento da carga horária.
2.3	Participação em eventos que abordam assuntos de natureza extensionista (congressos, seminários, conferências e palestras)	30 horas	Certificado de presença ou declaração emitida pela entidade promotora do evento. 10h/cada
2.4	Apresentação de pôsteres e resumos, de conteúdo extensionista, em congressos e simpósios.	30 horas	Certificado de presença ou declaração emitida pela entidade promotora do evento. 15h/cada
2.5	Autoria e/ou co-autoria em livros e/ou capítulos de livros com abordagem na área de extensão.	30 horas	Cópia do Livro ou capítulo. 15h/cada
2.6	Publicação em revistas especializadas em Extensão universitária	40 horas	Cópia do artigo. 20h/cada
2.7	Publicação em Jornais e Revistas sobre assuntos Culturais e Esportivos.	30 horas	Cópia da revista ou jornal (fragmento). 15h/cada
2.8	Atividades desportivas: atividades físicas como dança, ginástica, lutas e esportes realizados sob orientação profissional e desenvolvidos em escolas, clubes, academias ou espaços culturais e demais atividades que se configurem como ligadas ao desporto.	30 horas	Certificado ou declaração da instituição responsável (escolas, clubes, academias ou espaços culturais), com detalhamento da carga horária. Ticket original do ingresso, além de relatório detalhado da atividade.
2.9	Atividades Culturais: participação/organização em recitais, espetáculos (teatro, coral, dança, ópera, circo, mostras de cinema), festivais, mostras ou outros formatos de eventos culturais (relacionados ao folclore, artesanato, artes plásticas, artes gráficas, fotografias e patrimônio e demais atividades que se configurem como ligadas à cultura).	30 horas	Certificado ou declaração da instituição responsável (escolas, clubes, academias ou espaços culturais), com detalhamento da carga horária. Ticket original do ingresso, além de relatório detalhado da atividade.

Grupo 3 - ATIVIDADES DE ENSINO E PUBLICAÇÃO

No grupo 3 o aluno participa de atividades que envolvem a educação e publicações de artigos e livros sobre a área da educação

Iniciação à Docência/Monitoria (bolsista ou voluntário).		
3.1	Participação em Projeto de Ensino, PROAE e demais Projetos de ensino Institucionais (bolsista ou voluntário).	80 horas
3.2		80 horas
3.3	Programa de Educação Tutorial PET (bolsista ou voluntário).	80 horas
3.4	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID	80 horas
3.5	Residência Pedagógica	80 horas
3.6	Programa de Consolidação das Licenciaturas- PRODOCÊNCIA	80 horas
3.7	Autoria e/ou co-autoria capítulos de livros na área de educação ou da licenciatura em curso.	80 horas
3.8	Publicação em revista e/ou jornal não indexado/ na área de ensino	80 horas
3.9	Publicação em revista e/ou jornal indexado/na área de ensino	80 horas
3.10	Organização/Participação em Eventos oficiais de natureza acadêmico-tecnológicas relacionados ao ensino* ou à educação ou na área da licenciatura em curso (congressos, simpósios, oficinas, seminários, conferências e palestras)	80 horas
	Participante/Ministrante em/de cursos livres nas modalidades EaD ou presencial na área - de educação;	
	- específica da licenciatura em curso;	
3.11	- Interdisciplinares à licenciatura em curso;	80 horas
	- de informática e tecnologias da informação;	
	- de Línguas (Inglês, Espanhol, LIBRAS, etc)	

Grupo 4 – ATIVIDADES DE PESQUISA E PUBLICAÇÃO

No grupo 4 o aluno participa de atividades que envolvem pesquisa e publicação de artigos e livros sobre a sua pesquisa

4.1	Iniciação Científica (bolsista ou voluntário)	50 horas	Certificado ou declaração do professor responsável.
4.2	Participação em grupos oficiais de pesquisa	50 horas	Certificado ou declaração do professor responsável.
4.3	Organização/Participação em Eventos oficiais de natureza acadêmico-científico-tecnológicas na área de educação ou da licenciatura em curso. (congressos, seminários, conferências e palestras).	50 horas	Certificado de organização/presença ou declaração emitida pela entidade promotora do evento.

4.4	Publicação de artigo em revista e/ou jornal não indexado/ na área de pesquisa	30 horas	Cópia da publicação (ou aceite) com identificação do respectivo meio de publicação. Cada publicação corresponderá a 30 horas.
4.5	Publicação de artigo em revista e/ou jornal indexado/ na área de pesquisa	50 horas	Cópia da publicação (ou aceite) com identificação do respectivo meio de publicação. Cada publicação corresponderá a 50 horas.

Grupo 5 – ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

No grupo 5 o aluno representa os estudantes nos espaços acadêmicos.

5.1	Participação em Órgãos Colegiados da UFVJM	60 horas	15 horas/semestre
5.2	Participação em comissões	60 horas	15 horas/semestre
5.3	Participação em entidades de representação estudantil	60 horas	15 horas/semestre

Grupo 6 – CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL E ATIVIDADES DE INSERÇÃO CIDADÃO E FORMAÇÃO INTEGRAL/HOLÍSTICA

No grupo 6 o aluno participa e executa ações que contribuem para o exercício da cidadania e sua formação

6.1	Participação como ouvinte em defesas de monografia, TCC, dissertação de mestrado, tese de doutorado.	50 horas	Certificado de participação ou declaração do professor responsável Caso a declaração de participação não apresente a carga horária, a participação corresponderá a 1 hora.
6.2	Participação em projetos sociais e conselhos de direitos humanos	50 horas	Declaração emitida pela entidade promotora.
6.3	Doação de sangue	50 horas	Comprovante emitido pela instituição. Caso a declaração de doação não apresente a carga horária, a participação corresponderá a 2 horas.
6.4	Apadrinhamento de calouros	50 horas	Certificado concedido após a avaliação satisfatória da participação. Atribuídas 15 horas por semestre letivo.
6.5	Participação em grupos oficiais de estudo no polo de apoio presencial.	50 horas	Declaração fornecida pelo coordenador do polo de apoio presencial.
6.6	Participação em grupos oficiais de estudo virtuais organizados pelo tutor presencial. **	50 horas	Declaração fornecida pelo coordenador do polo de apoio presencial
6.7	Organização/Participação em atividades realizadas no Polo ou em escolas (oficinas, mostras, feira de ciências, festas folclóricas/culturais).	50 horas	Declaração fornecida pelo coordenador do polo de apoio presencial ou diretor da escola.
6.8	Estágio não obrigatório, voluntário ou facultativo na área da licenciatura em curso.	50 horas	Para fins de aproveitamento em ACs e AACCs, o estágio não pode ter sido aproveitado para fins de integralização curricular em outro curso.

** Atividades de ensino: referem-se às atividades que têm por objetivo contribuir para aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem da licenciatura em curso.*

*** Não se aplica atendimento em plantões realizado pelo tutor a distância.*

Este regulamento entra em vigor na data de sua publicação, revogado o regulamento de 12 de Abril de 2022 e demais disposições em contrário.

Professora Simone Grace de Paula

Presidente do Colegiado Único das licenciaturas

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA

FICHA DE FREQUÊNCIA

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO POLO DE APOIO PRESENCIAL

CURSO:

ALUNO: MATRÍCULA:

POLO DE APOIO PRESENCIAL:

ATIVIDADE:

DATA	ATIVIDADES	HORAS	ASSINATURA DO COORDENADOR DO POLO
------	------------	-------	-----------------------------------

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA

FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE APROVEITAMENTO DE ATIVIDADE(S) PARA FINS DE AACC

Nome:

Matrícula:

Curso :

Polo:

Atividade desenvolvida

(Descrição/Entidade promotora/Local)	Grupo da Atividade	Certificado ou declaração	Período Início	Período Fim	Carga horária
---	--------------------	---------------------------	----------------	-------------	---------------

1

2

3

4

5

6

Conforme deliberado na 134ª Reunião do Colegiado Único das Licenciaturas EAD/UFVJM ocorrida no dia 14 de junho de 2022, o discente ficará responsável pelo lançamento das AACCs e pelo envio da tabela preenchida para o coordenador do Curso após totalizar a carga horária de 200 horas.

-----, -----de----- de-----

Local Dia Mês Ano

Colegiado Único das Licenciaturas da DEAD na revisão do regulamento - novembro de 2022

Simone Grace de Paula (Presidente – Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia); Fernando Armini Ruela (Vice-presidente – Coordenador do Curso de Licenciatura em Química); Crislane de Souza Santos; Adriana Assis Ferreira; Eduardo Gomes Fernandes; Mara Lúcia Ramalho; Quênia Luciana Lopes Cotta Lannes; Luciano Soares Pedroso; Olavo Cosme da Silva; Charley Pereira Soares; Poliana Mendes de Sousa.

Composição do Colegiado Único das Licenciaturas DEAD na elaboração do regulamento – Março de 2018

Eduardo Gomes Fernandes (Presidente – Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática); Crislane de Souza Santos (Vice-presidente – Coordenadora do Curso de Licenciatura em Física); Fernando Armini Ruela; Alessandro Caldeira Alves; Adriana Assis Ferreira; Everton Luiz de Paula; Geraldo Wellington Rocha Fernandes; Kyrleys Pereira Vasconcelos; Mara Lúcia Ramalho; Quênia Luciana Lopes Cotta Lannes.

ANEXO II

NOTA DE RETIFICAÇÃO PPC - ALTERAÇÃO DE EMENTA E/OU REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Código/Componente curricular/Carga horária	Ementa e/ou Referências Bibliográficas atuais	Proposta de Alteração de Ementa e/ou Referências Bibliográficas	Curso (s)/Currículo (s)
	Transposição didática de conteúdos de Química para o Ensino Médio. Elaboração e análise de materiais didáticos convencionais e alternativos com base nas principais tendências e conhecimentos da área de Educação Química. Desenvolvimento e apresentação de unidades temáticas de química para o ensino ou de aulas, a partir das sugestões dos PCNs e do CBC para o Estado de MG.	Transposição didática de conteúdos de Química para o Ensino Médio. Elaboração e análise de materiais didáticos convencionais e alternativos com base nas principais tendências e conhecimentos da área de Educação Química. Desenvolvimento e apresentação de unidades temáticas de química para o ensino ou de aulas, a partir das sugestões dos PCNs e do CBC para o Estado de MG. Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.	
	BIBLIOGRAFIA BÁSICA 1. ALMEIDA, G. P. de. Transposição didática: por onde começar. São Paulo:	BIBLIOGRAFIA BÁSICA 1. ALMEIDA, G. P. de. Transposição didática: por onde começar. São Paulo: Cortez,	

EADQUI014 -
Instrumentação para o
ensino de Química I (60
h – 04 créditos)

Cortez, 2007. 71
p. 2. 2. SANTOS, W. L. P.
DOS; SCHNETZLER, R.
P. Educação Em Química:
Compromisso Com A
Cidadania. 3. Ed. Editora:
Unijuí, 2003.
3. MALDANER, O. A.A
formação inicial e continuada
de professores de química.
3.ed.

Editora Unijuí, 2006.
4. Revista Química Nova na
Escola, Órgão de Divulgação
da Sociedade Brasileira de
Química, São Paulo.
5. Centro de Ensino de
Ciências e Matemática
(Cecimig), FAE-UFMG.
Revista eletrônica Ensaio:
Pesquisa em Educação em
Ciências.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. Livros didáticos,
paradidáticos e alternativos
para o ensino de Química.
2. LUTFI, M. Os ferrados e os
cromados: produção social e
apropriação privada do
conhecimento químico. Ijuí:
UNIJUÍ, 1992.
3. MORTIMER, E. F.;
MACHADO, A. H. Química
para o ensino médio. São
Paulo: Scipione, 2004. 398 p.
4. ZANON, L. BASSO;
MALDANER, O. A. (Org.).
Fundamentos e propostas de
ensino de química para a
educação básica no Brasil. Ijuí,
RS: Ed. UNIJUÍ, 2007. 220 p.
5. ARAGÃO, R. M. R. DE;
SCHNETZLER, R. P.; CERRI,
Y. L. N. S. (org.). Modelos de
ensino: corpo
humano, célula, reações de
combustão. Piracicaba:
UNIMEP/CAPES/PROIN,
2000. 235 p.
6. BRASIL. Ministério da
Educação. Secretaria de

2007. 71
p.
2. SANTOS, W. L. P. DOS;
SCHNETZLER, R. P. Educação
Em Química: Compromisso Com
A Cidadania. 3. Ed. Editora:
Unijuí, 2003.
3. MALDANER, O. A.A
formação inicial e continuada de
professores de química. 3.ed.
Editora Unijuí, 2006.
4. Revista Química Nova na
Escola, Órgão de Divulgação da
Sociedade Brasileira de Química,
São Paulo.
5. Centro de Ensino de Ciências
e Matemática (Cecimig), FAE-
UFMG. Revista eletrônica
Ensaio: Pesquisa em Educação
em Ciências.
**6. Resolução nº 07, de 18 de
dezembro de 2018, do Conselho
Nacional de Educação e da
Câmara de Educação Superior**
**7. Resolução nº 2, de 18 de
janeiro de 2021, do Conselho
de Ensino Pesquisa e Extensão
(Consepe) da UFVJM.**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. Livros didáticos, paradidáticos
e alternativos para o ensino de
Química.
2. LUTFI, M. Os ferrados e os
cromados: produção social e
apropriação privada do
conhecimento químico. Ijuí:
UNIJUÍ, 1992.
3. MORTIMER, E. F.;
MACHADO, A. H. Química para
o ensino médio. São Paulo:
Scipione, 2004. 398 p.
4. ZANON, L. BASSO;
MALDANER, O. A. (Org.).
Fundamentos e propostas de
ensino de química para a
educação básica no Brasil. Ijuí,
RS: Ed. UNIJUÍ, 2007. 220 p.
5. ARAGÃO, R. M. R. DE;
SCHNETZLER, R. P.; CERRI,
Y. L. N. S. (org.). Modelos de
ensino: corpo
humano, célula, reações de

2017/1

Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.

7. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. v. 2. 137 p.

Recursos didáticos e paradidáticos: a utilização de livros e outros materiais como auxiliares no ensino de Química. A avaliação no ensino de química: concepções, compreensão e desenvolvimento de instrumentos de avaliação. Experimentação e ensino de química. O planejamento de aulas de Química envolvendo aspectos teóricos e experimentais. Elaboração de materiais instrucionais envolvendo os aspectos CTS para aperfeiçoar a aprendizagem em química.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- 1) MALDANER, O. A.. A formação inicial e continuada de professores de química. 3.ed. Editora Unijuí, 2006.
- 2) MORTIMER, E. F. Linguagem e Formação de Conceitos no Ensino de Ciências. 1ª Edição. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 383 págs.
- 3) SANTOS, W. L. P.; SCHNETZLER, R. P. Educação em química: compromisso com a cidadania.

combustão. Piracicaba: UNIMEP/CAPES/PROIN, 2000. 235 p.

6. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.

7. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. v. 2. 137 p.

Recursos didáticos e paradidáticos: a utilização de livros e outros materiais como auxiliares no ensino de Química. A avaliação no ensino de química: concepções, compreensão e desenvolvimento de instrumentos de avaliação. Experimentação e ensino de química. O planejamento de aulas de Química envolvendo aspectos teóricos e experimentais. Elaboração de materiais instrucionais envolvendo os aspectos CTS para aperfeiçoar a aprendizagem em química. **Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- 1) MALDANER, O. A.. A formação inicial e continuada de professores de química. 3.ed. Editora Unijuí, 2006.
- 2) MORTIMER, E. F. Linguagem e Formação de Conceitos no Ensino de Ciências. 1ª Edição. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 383 págs.
- 3) SANTOS, W. L. P.; SCHNETZLER, R. P. Educação em química: compromisso com a cidadania. 3ª Edição. Ijuí: Unijuí, 2003. 144 págs.

3ª Edição. Ijuí: Unijuí, 2003.
144 págs.

4) Revista Química Nova na
Escola, Órgão de Divulgação
da Sociedade Brasileira de
Química, São Paulo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. Livros didáticos,
paradidáticos e alternativos
para o ensino de Química.
2. MORTIMER, E. F.;
MACHADO, A. H. Química
para o ensino médio. São
Paulo: Scipione, 2004. 398 p.
3. ZANON, L. BASSO;
MALDANER, O. A. (Org.).
Fundamentos e propostas de
ensino de química para a
educação básica no Brasil. Ijuí,
RS: Ed. UNIJUÍ, 2007. 220 p.
4. ARAGÃO, R. M. R. DE;
SCHNETZLER, R. P.; CERRI,
Y. L. N. S. (org.). Modelos de
ensino: corpo
humano, célula, reações de
combustão. Piracicaba:
UNIMEP/CAPES/PROIN,
2000. 235 p.
5. BRASIL. Ministério da
Educação. Secretaria de
Educação Básica. Orientações
curriculares para o ensino
médio. Brasília: MEC, 2008. v.
2. 137 p.
6. BRASIL. Ministério da
Educação. Secretaria de
Educação Básica. Ciências da
natureza, matemática e suas
tecnologias. Brasília:
Ministério da Educação,
Secretaria de Educação
Básica, 2008. v. 2. 137 p.

4) Revista Química Nova na
Escola, Órgão de Divulgação da
Sociedade Brasileira de Química,
São Paulo.

**5) Resolução nº 07, de 18 de
dezembro de 2018, do Conselho
Nacional de Educação e da
Câmara de Educação Superior.**

**6) Resolução nº 2, de 18 de
janeiro de 2021, do Conselho
de Ensino Pesquisa e Extensão
(Consepe) da UFVJM.**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. Livros didáticos, paradidáticos
e alternativos para o ensino de
Química.
2. MORTIMER, E. F.;
MACHADO, A. H. Química para
o ensino médio. São Paulo:
Scipione, 2004. 398 p.
3. ZANON, L. BASSO;
MALDANER, O. A. (Org.).
Fundamentos e propostas de
ensino de química para a
educação básica no Brasil. Ijuí,
RS: Ed. UNIJUÍ, 2007. 220 p.
4. ARAGÃO, R. M. R. DE;
SCHNETZLER, R. P.; CERRI,
Y. L. N. S. (org.). Modelos de
ensino: corpo
humano, célula, reações de
combustão. Piracicaba:
UNIMEP/CAPES/PROIN, 2000.
235 p.
5. BRASIL. Ministério da
Educação. Secretaria de
Educação Básica. Orientações
curriculares para o ensino médio.
Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.
6. BRASIL. Ministério da
Educação. Secretaria de
Educação Básica. Ciências da
natureza, matemática e suas
tecnologias. Brasília: Ministério
da Educação, Secretaria de
Educação
Básica, 2008. v. 2. 137 p.

A contribuição técnica da
antiguidade. Química e alquimia
na Europa medieval. Química
técnica do renascimento.
Revolução científica e o

2017/1

EADQUI057 - História da Química (30 h + 30 h PCC- 4 Créditos)

A contribuição técnica da antiguidade. Química e alquimia na Europa medieval. Química técnica do renascimento. Revolução científica e o surgimento da ciência moderna. Revolução química de Lavoisier. Leis ponderais e volumétricas. Teorias atômicas de Dalton, de Avogadro e de Cannizzaro. Eletroquímica, eletrólise e teoria dualista de Berzelius. Vitalismo e antivitalismo. Arquitetura molecular: isomeria, valência e estereoquímica. História da química como ferramenta de contextualização dos conteúdos da Química.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. FARIAS, R. F. Para gostar de ler a história da química I. 1 ed. Campinas: Editora: Átomo, v. 1,2 e 3a, 2004.
2. MAAR, J. H. História da Química, 1ª Ed., Editora: Editora Conceito, 2008, 946p.
3. BENSUADE-VINCENT, B.; História da Química. 1ª Ed., Editora: Instituto Piaget, 1996, 404p.
4. GREENBERG, A. Uma breve História da Química. Editora: Edgard Blücher, 2010, 400p.

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. BELTRAN, M. H. R.; SAITO, F.; TRINDADE, L. S. P. História da Ciência: Tópicos Atuais. 1ª Ed., Editora: LF Editorial, 2011, 216p.
2. ARAGAO, M. J. História da Química. 1ª Ed., Editora: Interciência, 2008, 248p.
3. NEVES, L. S.; FARIAS, R. F.. História da química: um livro texto para a graduação. Campinas, SP: Átomo, 2008. 134 p.
4. FARIAS, R. F. História da alquimia. Campinas: Átomo, 2007. 96 p.
5. ALFONSO-GOLDFARB,

surgimento da ciência moderna. Revolução química de Lavoisier. Leis ponderais e volumétricas. Teorias atômicas de Dalton, de Avogadro e de Cannizzaro. Eletroquímica, eletrólise e teoria dualista de Berzelius. Vitalismo e antivitalismo. Arquitetura molecular: isomeria, valência e estereoquímica. História da química como ferramenta de contextualização dos conteúdos da Química. **Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. FARIAS, R. F. Para gostar de ler a história da química I. 1 ed. Campinas: Editora: Átomo, v. 1,2 e 3a, 2004.
2. MAAR, J. H. História da Química, 1ª Ed., Editora: Editora Conceito, 2008, 946p.
3. BENSUADE-VINCENT, B.; História da Química. 1ª Ed., Editora: Instituto Piaget, 1996, 404p.
4. GREENBERG, A. Uma breve História da Química. Editora: Edgard Blücher, 2010, 400p.
5. **Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior**
6. **Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.**

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. BELTRAN, M. H. R.; SAITO, F.; TRINDADE, L. S. P. História da Ciência: Tópicos Atuais. 1ª Ed., Editora: LF Editorial, 2011, 216p.
2. ARAGAO, M. J. História da Química. 1ª Ed., Editora: Interciência, 2008, 248p.

2017/1

- ANA MARIA. Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanismo. 1 ed. Editora USP, 1987.
6. SILVA, DENISE DOMINGOS; NEVES, LUIZ SEIXAS DAS; FARIAS, ROBSON FERNANDES DE. História da química no Brasil. 3. ed. Editora: Átomo, 2010. 7. Revista Química Nova na Escola, Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Química, São Paulo.
3. NEVES, L. S.; FARIAS, R. F.. História da química: um livro texto para a graduação. Campinas, SP: Átomo, 2008. 134 p.
4. FARIAS, R. F. História da alquimia. Campinas: Átomo, 2007. 96 p.
5. ALFONSO-GOLDFARB, ANA MARIA. Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanismo. 1 ed. Editora USP, 1987.
6. SILVA, DENISE DOMINGOS; NEVES, LUIZ SEIXAS DAS; FARIAS, ROBSON FERNANDES DE. História da química no Brasil. 3. ed. Editora: Átomo, 2010. 7. Revista Química Nova na Escola, Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Química, São Paulo.
- Composição e estudo da atmosfera, da hidrosfera e da litosfera. Ciclos biogeoquímicos. Estudo de algumas relações ser vivo-ambiente. Legislação ambiental, estudo dos principais poluentes e resíduos no ecossistema. Impactos ambientais: efeito estufa, destruição da camada de ozônio, chuva ácida, erosão do solo. Tratamento de água e esgotos. Preservação, da qualidade da água dos corpos d'água. Desenvolvimento e apresentação de unidades temáticas de química para o ensino ou de aulas, a partir das sugestões dos PCNs e do CBC para o Estado de MG.
- Composição e estudo da atmosfera, da hidrosfera e da litosfera. Ciclos biogeoquímicos. Estudo de algumas relações ser vivo-ambiente. Legislação ambiental, estudo dos principais poluentes e resíduos no ecossistema. Impactos ambientais: efeito estufa, destruição da camada de ozônio, chuva ácida, erosão do solo. Tratamento de água e esgotos. Preservação, da qualidade da água dos corpos d'água. Desenvolvimento e apresentação de unidades temáticas de química para o ensino ou de aulas, a partir das sugestões dos PCNs e do CBC para o Estado de MG.
- Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. BAIRD, C. Química Ambiental. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
2. LENZI, E.; FAVERO, L. O. B. Introdução à Química da

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. BAIRD, C. Química Ambiental. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
2. LENZI, E.; FAVERO, L. O. B. Introdução à Química da

EADQUI061 - Química Ambiental (75 h - 5Créditos)

atmosfera: Ciência, Vida e Sobrevivência. 1 ed. Editora: LTC, 2009.

3. MACÊDO, J. A. B. Introdução à Química Ambiental: Química & Meio Ambiente & Sociedade. Editora: CRQ-MG, 2006, 1027p.

4. ZUIN, V. G. Inserção da dimensão ambiental na formação de professores da Química. 1ª Ed., Editora: Editora Átomo e Alinea, 2011, 182p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. MACHADO, P. A. L. Direito ambiental brasileiro. 14.ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

2. SILVA, L. C. C.; MENDONÇA FILHO, C. V. A educação ambiental na escola. Diamantina, 2006.

39. - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

3. DIAS, GENEBALDO FREIRE. Elementos para capacitação em educação ambiental. Ilheus, BA: Editus, 1999.

4. VANLOON, G. W.; DUFFY, S. J. Environmental chemistry: a global perspective. 2nd. ed. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2005. 515 p.

5. Documentário: Al Gore, Uma Verdade Inconveniente. Paramount, 2006.

6. Revista Química Nova na Escola, Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Química, São Paulo.

7. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p. 8. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2007. Conteúdo Básico Comum – Química. Educação Básica -

atmosfera: Ciência, Vida e Sobrevivência. 1 ed. Editora: LTC, 2009.

3. MACÊDO, J. A. B. Introdução à Química Ambiental: Química & Meio Ambiente & Sociedade. Editora: CRQ-MG, 2006, 1027p.

4. ZUIN, V. G. Inserção da dimensão ambiental na formação de professores da Química. 1ª Ed., Editora: Editora Átomo e Alinea, 2011, 182p.

5. Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior
6. Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. MACHADO, P. A. L. Direito ambiental brasileiro. 14.ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

2. SILVA, L. C. C.; MENDONÇA FILHO, C. V. A educação ambiental na escola. Diamantina, 2006.

39. - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

3. DIAS, GENEBALDO FREIRE. Elementos para capacitação em educação ambiental. Ilheus, BA: Editus, 1999.

4. VANLOON, G. W.; DUFFY, S. J. Environmental chemistry: a global perspective. 2nd. ed. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2005. 515 p.

5. Documentário: Al Gore, Uma Verdade Inconveniente. Paramount, 2006.

6. Revista Química Nova na Escola, Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Química, São Paulo.

7. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p. 8. SECRETARIA DE ESTADO

2017/1

Ensino
Médio.

DE EDUCAÇÃO DE MINAS
GERAIS, 2007. Conteúdo Básico
Comum – Química. Educação
Básica - Ensino
Médio.

Tecnologias Digitais de
Informação de Comunicação
(TDICs), Web, Ciberespaço e
cibercultura.

Cibercultura e a Educação. Os
processos de

ensino/aprendizagem no
ciberespaço. Cibercultura no
Ensino de Química. Avaliação no
contexto da cibercultura. **Ações
de extensão devidamente
registradas na Proexc, voltadas
para a abordagem de temas
constantes na ementa da
unidade curricular.**

Tecnologias Digitais de
Informação de Comunicação
(TDICs), Web, Ciberespaço e
cibercultura.

Cibercultura e a Educação. Os
processos de
ensino/aprendizagem no
ciberespaço. Cibercultura no
Ensino de Química. Avaliação
no contexto da cibercultura.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. OLIVEIRA, R. de. Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aula. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 176 p.
2. COSTA, J. W.; OLIVEIRA, M. A. M. Novas linguagens e novas tecnologias. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
3. ASSMANN, H. (Org.). Redes digitais e metamorfose do aprender. Petrópolis: Vozes, 2005.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. OLIVEIRA, R. de. Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aula. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 176 p.
2. COSTA, J. W.; OLIVEIRA, M. A. M. Novas linguagens e novas tecnologias. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
3. ASSMANN, H. (Org.). Redes digitais e metamorfose do aprender. Petrópolis: Vozes, 2005.

4. Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior
5. Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.

2017/1

EADQUI068 -
Tecnologias Digitais de
Informação e
Comunicação no Ensino
de Química (60 h - 4
Créditos)

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, A.D. e CARVALHO, A. M. P. (Org.) Ensinar a ensinar: Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Thomson Learning, 2001.
2. VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na Educação. Revista Em Aberto, Ano 12, nº. 57 (3-16). Brasília: 1993.
3. DEMO, P. Formação permanente e tecnologias

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, A.D. e CARVALHO, A. M. P. (Org.) Ensinar a ensinar: Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Thomson Learning, 2001.
2. VALENTE, J. A. Diferentes

educacionais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

4. BARRETO, R. G. Novas tecnologias na educação presencial e a distância II. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 109-118
5. Revista Química Nova na Escola, Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Química, São Paulo.

Os princípios básicos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Aspectos históricos e conceituais da cultura surda; Abordagens educacionais e inclusão escolar de alunos surdos e Teoria do Bilinguismo. Prática de ensino como componente curricular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. FERNANDES, Eulália (org.). Surdez e Bilingüismo. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
2. SKLIAR, Carlos (org.). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. Processos e projetos pedagógicos. Volumes I e II. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.
3. GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. THOMA, Adriana da Silva e

usos do computador na Educação. Revista Em Aberto, Ano 12, nº. 57 (3-16). Brasília: 1993.

3. DEMO, P. Formação permanente e tecnologias educacionais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

4. BARRETO, R. G. Novas tecnologias na educação presencial e a distância II. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 109- 118

5. Revista Química Nova na Escola, Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Química, São Paulo.

Os princípios básicos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Aspectos históricos e conceituais da cultura surda; Abordagens educacionais e inclusão escolar de alunos surdos e Teoria do Bilinguismo. Prática de ensino como componente curricular.

Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. FERNANDES, Eulália (org.). Surdez e Bilingüismo. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
2. SKLIAR, Carlos (org.). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. Processos e projetos pedagógicos. Volumes I e II. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.
3. GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

- 4. Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior**
- 5. Resolução nº 2, de 18 de**

A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

2. QUADROS, Ronice. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

3. SKLIAR, Carlos (org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

4. WIDELL, Joanna. As fases históricas da cultura surda. Revista GELES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez nº 6 – Ano 5 UFSCRio de Janeiro: Editora Babel, 1992.

5. FALCÃO, L. A. B. Aprendendo a libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão: estabelecendo novos diálogos. 2ª ed.. Recife: Ed. do autor, 2007. 304 p. 62

Elaboração e desenvolvimento de projetos a partir de temas propostos nas diferentes áreas da

química, com apresentação do mesmo na forma de seminário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1) SANTOS. C.R. Trabalho de Conclusão de Curso. 1ª Edição. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

2) KOCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. 22a ed. Petrópolis:

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs). A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

2. QUADROS, Ronice. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

3. SKLIAR, Carlos (org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

4. WIDELL, Joanna. As fases históricas da cultura surda. Revista GELES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez nº 6 – Ano 5 UFSCRio de Janeiro: Editora Babel, 1992.

5. FALCÃO, L. A. B. Aprendendo a libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão: estabelecendo novos diálogos. 2ª ed.. Recife: Ed. do autor, 2007. 304 p. 62

Elaboração e desenvolvimento de projetos a partir de temas propostos nas diferentes áreas da química, com apresentação do mesmo na forma de seminário.

Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1) SANTOS. C.R. Trabalho de Conclusão de Curso. 1ª Edição. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

2) KOCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. 22a ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

EADQUI067 - Projetos em Química (60 h PCC - 4 créditos)

Voices, 2004.

3) SKOOG D. A.; WEST D. M.; HOLLER F. J.; CROUCH S. R. Fundamentos de Química Analítica. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

4) ATKINS, P.; de PAULA, J. Físico-Química, 8ª. Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2010. Vol. 1.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1) GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

2) NETO, B. B.; SCARMINIO, I. S.; BRUNS, R. E. Como Fazer Experimentos. 4ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

3) CASTELLAN, G. W. Fundamentos de Físico-Química. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

4) PAVIA, D. L.; LAMPMAN, G.M.; KRIZ, G. S. Introdução a Espectroscopia. 1ª Edição. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

5) BRISDON, A. K. Inorganic Spectroscopic Methods. Editora: Oxford Chemistry Primers, USA, 1998.

6) Lee, J. D. Química Inorgânica Não Tão Concisa. 5ª Edição. São Paulo, Editora Edgard Blucher Ltda, 2000.

7) SHRIVER, D. F.; ATKINS, P. W.; OVERTON, T. L.; ROURKE, J. P.; WELLER, M. T.; ARMSTRONG, F. A. Química Inorgânica. 4ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2008.

3) SKOOG D. A.; WEST D. M.; HOLLER F. J.; CROUCH S. R. Fundamentos de Química Analítica. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

4) ATKINS, P.; de PAULA, J. Físico-Química, 8ª. Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2010. Vol. 1.

5) Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior
6) Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1) GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

2) NETO, B. B.; SCARMINIO, I. S.; BRUNS, R. E. Como Fazer Experimentos. 4ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

3) CASTELLAN, G. W. Fundamentos de Físico-Química. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

4) PAVIA, D. L.; LAMPMAN, G.M.; KRIZ, G. S. Introdução a Espectroscopia. 1ª Edição. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

5) BRISDON, A. K. Inorganic Spectroscopic Methods. Editora: Oxford Chemistry Primers, USA, 1998.

6) Lee, J. D. Química Inorgânica Não Tão Concisa. 5ª Edição. São Paulo, Editora Edgard Blucher Ltda, 2000.

7) SHRIVER, D. F.; ATKINS, P. W.; OVERTON, T. L.; ROURKE, J. P.; WELLER, M. T.; ARMSTRONG, F. A. Química Inorgânica. 4ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2008.

Concepções sobre a ciência e o cientista. Metodologias de pesquisa, divulgação científica e popularização da ciência. Educação sobre a Natureza da Ciência. A abordagem Ciência

2017/1

EADQUI066 - Ciência, Tecnologia e Sociedade (60 h - 4 Créditos)

Concepções sobre a ciência e o cientista. Metodologias de pesquisa, divulgação científica e popularização da ciência. Educação sobre a Natureza da Ciência. A abordagem Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS): compreensões sobre as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Influências das diferenças culturais nas concepções de ciência e tecnologia e de suas relações com as sociedades. Sociedade e participação nas políticas científicas, tecnológicas, econômicas e ecológicas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
2. BAZZO, W. A. Ciência, Tecnologia e Sociedade e o Contexto da Educação Tecnológica. Editora da UFSC, 1ª edição, 1998, ISBN: 85-328-0144-7.
3. ALVES, R. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. 12. ed., São Paulo: Brasiliense, 1993.
4. LACEY, H. Valores e Atividade Científica. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. SAGAN, C. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro.

São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

2. CHAMIZO, J. A.; IZQUIERDO, M. Avaliação das competências de pensamento científico. Química Nova na Escola, n. 27, p. 4-8, 2008. COBERN, W. W.; LOVING, C. C. Defining "Science" in a Multicultural World: Implications for Science Education. Science Education, v. 85, p. 50- 67,

Tecnologia e Sociedade (CTS): compreensões sobre as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Influências das diferenças culturais nas concepções de ciência e tecnologia e de suas relações com as sociedades. Sociedade e participação nas políticas científicas, tecnológicas, econômicas e ecológicas. **Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
2. BAZZO, W. A. Ciência, Tecnologia e Sociedade e o Contexto da Educação Tecnológica. Editora da UFSC, 1ª edição, 1998, ISBN: 85-328-0144-7.
3. ALVES, R. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. 12. ed., São Paulo: Brasiliense, 1993.
4. LACEY, H. Valores e Atividade Científica. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

5. Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior.

6. Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. SAGAN, C. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro.

São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

2. CHAMIZO, J. A.;

2017/1

2001.

3. DRIVER, R.; ASOKO, H.; LEACH, J.; MORTIMER, E F.; SCOTT, P. Construindo conhecimento

científico na sala de aula.

Química Nova na Escola, n. 9, p. 31-40, 1999.

4. EICHLER, M; DEL PINO, J. C. Popularização da ciência e mídia digital no ensino de química. Química nova na escola, n.15, p. 24-27, 2002.

5. KOSMINSKY, L;

GIORDAN, M. Visões sobre Ciências e sobre o cientista entre estudantes do ensino médio. Química Nova na Escola, n. 15, p. 11- 18, 2002

6. Sítios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES/MEC.

Estágio de observação.

Caracterização do Ensino de Química ministrado na educação básica da região por meio de análise das condições de trabalho, das metodologias e dos recursos didáticos utilizados pelos professores de Química. Desenvolvimento de plano de ação definido a partir da situação geradora.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores:

IZQUIERDO, M. Avaliação das competências de pensamento científico. Química Nova na Escola, n. 27, p. 4-8, 2008.

COBERN, W. W.; LOVING, C. C. Defining “Science” in a Multicultural World:

Implications for Science

Education. Science Education, v. 85, p. 50- 67, 2001.

3. DRIVER, R.; ASOKO, H.; LEACH, J.; MORTIMER, E F.; SCOTT, P. Construindo conhecimento

científico na sala de aula.

Química Nova na Escola, n. 9, p. 31-40, 1999.

4. EICHLER, M; DEL PINO, J.

C. Popularização da ciência e mídia digital no ensino de química. Química nova na escola, n.15, p. 24-27, 2002.

5. KOSMINSKY, L; GIORDAN, M. Visões sobre Ciências e sobre o cientista entre estudantes do ensino médio. Química Nova na Escola, n. 15, p. 11- 18, 2002

6. Sítios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES/MEC.

Estágio de observação.

Caracterização do Ensino de Química ministrado na educação básica da região por meio de análise das condições de trabalho, das metodologias e dos recursos

didáticos utilizados pelos professores de Química.

Desenvolvimento de plano de ação definido a partir da situação geradora. **Ações de extensão**

devidamente registradas na

Proexc, voltadas para a

abordagem de temas

constantes na ementa da

unidade curricular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. PIMENTA, S. G. O estágio na

EADQUI023 - Estágio Supervisionado I (90 h - 6 Créditos)

- unidade teoria e prática?. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p.
2. BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 182 p.
3. PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
4. FREITAS, H. C. L. DE. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 248 p.
- BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**
1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.
2. SILVA, S. P. Da (Org.). Teoria e prática na educação: o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia filosófica?. Catalão, GO: UFG, 2008.
3. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.
4. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148 p.
5. CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 184 p.
- formação de professores: unidade teoria e prática?. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p.
2. BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 182 p.
3. PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
4. FREITAS, H. C. L. DE. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 248 p.
- 5. Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior**
- 6. Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.**
- BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**
1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.
2. SILVA, S. P. Da (Org.). Teoria e prática na educação: o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia filosófica?. Catalão, GO: UFG, 2008.
3. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.
4. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148 p.
5. CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 184 p.

2017/1

Planejamento de aula e de estratégias de apoio à regência, com explicitação dos recursos didáticos a serem utilizados. Proposição de instrumentos de avaliação. **Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.**

Planejamento de aula e de estratégias de apoio à regência, com explicitação dos recursos didáticos a serem utilizados. Proposição de instrumentos de avaliação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p.
2. BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 182 p.
3. PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
4. FREITAS, H. C. L. DE. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007. 248 p.

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.
2. SILVA, S. P. Da (Org.). Teoria e prática na educação: o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia filosófica?. Catalão, GO: UFG, 2008.
3. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.
4. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p.
2. BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 182 p.
3. PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
4. FREITAS, H. C. L. DE. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007. 248 p.
5. **Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior**
6. **Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFVJM.**

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.
2. SILVA, S. P. Da (Org.). Teoria e prática na educação: o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia filosófica?. Catalão, GO: UFG, 2008.
3. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?:

EADQUI028 - Estágio Supervisionado II (135 h - 9 Créditos)

2017/1

p.
5. CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 184 p.

Planejamento e produção de materiais didáticos diversos. Regência de classe por meio do uso de diferentes estratégias de ensino, incluindo exposições dialogadas, atividades experimentais, demonstrações, trabalhos de investigação, exercícios, atividades em grupo como suporte à elaboração conceitual. Elaboração e aplicação de instrumentos de avaliação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p.
2. BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 182 p.
3. PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
4. FREITAS, H. C. L. DE. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 248 p.

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações

novas exigências educacionais e profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.
4. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148 p.
5. CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 184 p.

Planejamento e produção de materiais didáticos diversos. Regência de classe por meio do uso de diferentes estratégias de ensino, incluindo exposições dialogadas, atividades experimentais, demonstrações, trabalhos de investigação, exercícios, atividades em grupo como suporte à elaboração conceitual. Elaboração e aplicação de instrumentos de avaliação. **Ações de extensão devidamente registradas na Proexc, voltadas para a abordagem de temas constantes na ementa da unidade curricular.**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 200 p.
2. BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 182 p.
3. PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
4. FREITAS, H. C. L. DE. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 248 p.

5. Resolução nº 07, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior
6. Resolução nº 2, de 18 de janeiro de 2021, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão

EADQUI033 - Estágio Supervisionado III (180 h - 12 Créditos)

2017/1

curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.

2. SILVA, S. P. Da (Org.).

Teoria e prática na educação: o

que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia

filosófica?. Catalão, GO: UFG, 2008.

3. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.

4. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148 p.

5. CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 184 p.

(Consepe) da UFVJM.

BIBLIOGRAFIA

COMPLEMENTAR

1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC, 2008. v. 2. 137 p.

2. SILVA, S. P. Da (Org.). Teoria e prática na educação: o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia

filosófica?. Catalão, GO: UFG, 2008.

3. LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104 p.

4. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 148 p.

5. CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 184 p.

Após discussão no Núcleo Docente Estruturante (NDE), aprovação pelo Colegiado de Curso, em reunião ocorrida em 06/11/2025.

Everton Luiz de Paula

Coordenação do Curso de Graduação em Química EaD/UFVJM

Referência: Processo nº 23086.002256/2026-00

SEI nº 2043728